

# JUVENTUDE RURAL NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO: A INTERNET E SEUS USOS NO BRASIL

## USES AND APPROPRIATIONS OF THE INTERNET FOR YOUNG PEOPLE IN BRAZIL'S RURAL AREAS

Kamil Cheab David Lopes<sup>1</sup>  
Sheila Maria Doula<sup>2</sup>

### 1. RESUMO

Este artigo teve por finalidade analisar os principais usos de TICs entre jovens rurais de Minas Gerais, Brasil, procurando verificar similitudes e, ou, diferenças de significado que eles atribuem particularmente à Internet, tomada aqui como a expressão de maior visibilidade das novas tecnologias no segmento juvenil das sociedades contemporâneas. Verificou-se que, no caso brasileiro, o acesso às redes virtuais ainda é pouco difundido na área rural e que, apesar disso, há similaridade intrageracional nos usos da Internet pelos jovens rurais e urbanos.

**Palavras-chave:** Juventude rural. Internet. Inclusão social.

### 2. ABSTRACT

The essay purpose is to analyze the main uses and appropriation of TICs of the youth from rural areas of Minas Gerais, Brazil. It also try to figure out the differences of meaning that those young people attribute to the use of internet, considering this mean of communication as the new technology most used between young people in the world. In addition the essay point out that in Brazilian case the internet access in the rural areas is already few disseminated and there is a similarity in the use of it between young people living in urban and rural area.

**Keywords:** Rural youth. Internet. Social inclusion.

---

<sup>1</sup> Mestre em Extensão Rural pelo Departamento de Economia Rural da Universidade Federal de Viçosa (UFV) e pesquisador do Observatório da Juventude Rural – UFV, Viçosa, MG, Brasil. E-mail: <kamilcheab@yahoo.com.br>.

<sup>2</sup> Professora da Pós-Graduação em Extensão Rural do Departamento de Economia Rural da Universidade Federal de Viçosa e coordenadora do Observatório da Juventude Rural – UFV, Viçosa, MG, Brasil. E-mail: <sheila@ufv.br>.

### **3. INTRODUÇÃO**

As sociedades contemporâneas vivem um momento denominado por muitos autores como “estado globalizado”, caracterizado, teoricamente, por um espaço sem fronteiras e pelo desenvolvimento de uma “linguagem comum” entre suas populações. Segundo Castells (2006), vivemos um período de transformações estruturais e multidimensionais associado à emergência de um novo paradigma tecnológico, baseado nas tecnologias de comunicação e informação (TIC), que começaram a tomar forma nos anos de 1960 e se difundiram desigualmente por todo o mundo. Esse autor partiu da premissa de que a tecnologia se torna condição necessária, mas não suficiente para uma nova forma de organização social, a “sociedade em rede”, entendida como estrutura social baseada em redes operadas por tecnologias de comunicação e informação (TICs), fundamentadas na microeletrônica e em redes digitais de computadores que geram, processam e distribuem informação a partir de conhecimento acumulado nos “nós” dessas redes.

Caracterizando a sociedade contemporânea, Burch et al. (2003) afirmaram que nesta sociedade as inovações tecnológicas parecem possuir uma lógica própria, como se estivessem fora das dinâmicas sociais ou fossem a primeira causa das transformações sociais. As novas tecnologias da informação e da comunicação ajudam a compor o relato sobre outros artefatos (trens, automóveis, rádio e televisão, entre outros) que funcionam como marcos definidores das etapas evolutivas da humanidade (BURCH et al., 2003, p. 7).

Percebe-se, assim, que a sociedade contemporânea se encontra atrelada a um paradigma tecnológico no qual as TICs têm papel fundamental nessa nova forma de organização social. A literatura sobre esse tema evidencia inúmeras possibilidades apresentadas pelas TICs, incluindo-se aqui aquelas que ainda se apresentam apenas como promessas, entre elas: distribuição igualitária da tecnologia na sociedade, baixo custo de aquisição, capacidade de promover a expansão das liberdades das populações, diminuição das distâncias entre o ir e o vir social, promoção de um espaço mais democrático, em que as pessoas possam participar mais das decisões políticas, acordos governamentais, organizações sociais e, a partir daí, promover a inclusão social.

Warschauer (2006), no entanto, afirmou que, enquanto os países ricos enfrentam o desafio de prover serviço universal (assegurar a todas as pessoas a oportunidade de usufruir os benefícios promovidos pelas TICs), as nações em desenvolvimento, como no caso do Brasil, enfrentam um objetivo mais limitado, mas premente, de promover acesso universal, assegurando que todas as pessoas tenham a oportunidade de fazer uso dessas tecnologias em algum lugar: em casa, no trabalho, na escola, em um centro comunitário de tecnologia CCT ou em um telecentro rural. Para esse autor, os projetos que envolvem TICs e inclusão social atendem, principalmente, a sistemas de *hardware* e *software*, dando pouca atenção aos sistemas social e humano. Percebe-se, em alguns casos, que o problema da inclusão esbarra na ineficácia das ações e dos programas institucionais, que por sua vez não levam em consideração as reais necessidades e demandas sociais e, em outros, na própria escassez ou inexistência dos programas, o que pode ser percebido se tomarem como foco as regiões mais periféricas. Assim, de imediato, ressalta-se a necessidade de formulação de políticas públicas específicas para o desenvolvimento local e a inclusão dos diferentes segmentos sociais na sociedade da informação.

Sobre esse aspecto, encontram-se alguns trabalhos realizados com a juventude rural no intuito de verificar as formas de inserção desse segmento social a partir de análises de programas públicos de inclusão digital. Esses programas têm como um dos principais objetivos promover o desenvolvimento local e a inclusão social a partir da inclusão digital, o que pode ser evidenciado a partir dos domínios tecnológicos pelos próprios usuários. Nesse debate, encontram-se os trabalhos de pesquisadores brasileiros como Teixeira et al. (2010) e Santos et al. (2006).

Teixeira et al. (2010) defenderam que projetos de inclusão digital podem ser um caminho para o desenvolvimento local ao estimular a concentração de diversos atores. Segundo esses autores, no processo de inclusão digital pela educação o reconhecimento dos valores, dos recursos e da identidade – vetores do desenvolvimento local – permite ao estudante ser sujeito de sua história. A proposta, no entanto, de a inclusão digital provocar mudanças nas formas de aprendizado e de ensino depara com problemas relacionados ao letramento, o que, para esses autores, se verifica na resistência e dificuldades dos jovens em assumir os novos códigos da tecnologia. Nesse caso, o letramento seria o estado ou a condição de indivíduos ou grupos sociais exercerem

efetivamente as práticas sociais de leitura e de escrita e participarem, com competência, de eventos propiciados pelas novas tecnologias (SOARES, 2002 *apud* FREITAS, 2005, p. 3).

Para Santos et al. (2006), há uma crença generalizada na sociedade contemporânea de que a inclusão digital significa melhorar as condições de vida com a ajuda da tecnologia. Esses autores afirmaram, no entanto, que:

(...) Apesar do esforço desenvolvido por organizações governamentais e não governamentais através de programas para inclusão digital dos contextos populares, não existem ainda estudos avaliatórios suficientes que demonstrem como as populações desses contextos se apropriam desses programas, considerando as condições materiais contingentes em que vivem estas populações (SANTOS et al., 2006, p. 4).

Nesse sentido, as aspirações para o futuro constituem mediação importante para a motivação dos jovens em participar dos programas de inclusão digital. Na faixa de idade entre 14 e 30 anos, há uma passividade para procurar e emprego, em contraste com o esforço à busca de uma “capacitação” para o vestibular, e reunir habilidades para, quando chegar a hora, encontrar trabalho melhor (SANTOS et al., 2006). Esses autores destacaram que:

(...) A questão da inclusão social, entretanto, vai além das questões identitárias e do trabalho. Além do controle das esferas virtuais é necessário garantir, aos jovens de contextos populares, igualmente o acesso ao controle das esferas reais. O caminho para essa construção passa pela formação de comunidades virtuais de aprendizagem. A participação nessas comunidades virtuais constitui o caminho para aprender a construir uma *cyberdemocracia*, condição contemporânea para que todos possam ser incluídos socialmente (SANTOS et al., 2006, p. 12).

Partindo desse contexto, Gil (2010) analisou quais eram os usos e benefícios gerados pelas TICs para seus usuários, evidenciando alguns fatores de mudança na vida cotidiana, ou seja:

(...) Mayor economía del tiempo y el esfuerzo. 2. Actividad multimedia, audiovisual, interactiva, para el ocio y el trabajo con mayor número de estímulos, influencias y capacidad de respuesta que otros medios más pasivos como la televisión. 3. Estandarización del tiempo y las actividades de ocio, así como, las pautas de interacción. 4. Acceso a un mayor número de personas, redes e información globalizada. Disolución de las líneas férreas que separaban el tiempo y la vida laboral de la privada. 5. Confluencia de las actividades de ocio y el trabajo, lo público, lo privado y lo íntimo. 6. Formación autodidacta, que confiere facilidades (contactos profesionales, conocimientos, publicidad etc.) para el acceso al mundo adulto, trabajo académico más cooperativo con los pares y mayor autonomía de la juventud en ambos ámbitos (GIL, 2010, p. 205-206).

Analisando os usos das redes virtuais na América Latina, Morduchowicz (2012) afirmou que na Argentina, por exemplo, 95% dos jovens urbanos tinham acesso à Internet e, desses, 60% se conectavam às redes a partir de *Lan houses* ou cybercafés, em média, uma hora e meia diariamente. Para essa autora, a apropriação comunicacional seria sem dúvida a principal função da tecnologia para os jovens, pois 75% deles têm pelo menos um perfil em uma rede social e visitam *chats* e *blogs* diariamente, sendo o *facebook* a rede social de maior popularidade daquele país. Para Morduchowicz, as redes sociais estariam ampliando o tempo e o espaço para os jovens se manterem conectados com amigos e familiares, promovendo uma nova forma de sociabilidade juvenil. Já buscar informação, fazer tarefas escolares, escutar ou baixar músicas, ver vídeos *online* e jogar também são tidos como principais usos demandados por parte dos jovens, mas seriam usos secundários.

No caso brasileiro, Maigret (2010) evidenciou que os primeiros balanços sobre os usos dos internautas urbanos mostram que a perspectiva enciclopédica e a navegação inveterada são pouco difundidas, ainda que seja significativa a “frequentação” dos mecanismos de busca. Para esse autor, esse processo se dá em razão de as competências exigidas para o uso dessas ferramentas serem muito específicas, o que requer letramento adequado.

Percebe-se, assim, que a literatura indica a “comunicação” como o principal uso das TICs pelos jovens urbanos e, no caso brasileiro, a distribuição e acesso às TICs ainda acontecem de forma desigual, ficando os jovens rurais dependentes de projetos de inclusão digital para poderem participar dessa nova forma de organização social – “a sociedade da informação”. Tomando essas pesquisas como referência, o objetivo deste artigo foi analisar os usos de TICs entre jovens rurais, no caso os jovens rurais de Minas Gerais. Estado esse que possui um dos maiores índices de população rural da Região Sudeste brasileira, e por esse motivo grande parte da população rural se encontra mais distante dessa nova era digital devido a dificuldades de acesso à rede. Dessa forma, verifica-se a existência de similitudes e, ou, diferenças de significados que esses jovens atribuem, particularmente, à Internet, tomada aqui como a expressão de maior visibilidade das novas tecnologias no segmento juvenil.

#### 4. DELIMITAÇÃO DO CAMPO E AMOSTRA

Esta pesquisa foi realizada no Município de Nanuque, MG (Imagem 1), localizado na mesorregião mineira do Vale do Mucuri<sup>3</sup>.

Imagem 1 - Município de Nanuque, Minas Gerais, Brasil.



Fonte: Raphael Lorenzeto de Abreu, Wikipédia, 29 de agosto de 2006. Disponível em: <[http://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:MinasGerais\\_Municip\\_Nanuque.svg](http://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:MinasGerais_Municip_Nanuque.svg)>. Acesso em: 18 ago. 2013.

A população do município, segundo o Censo divulgado em rede pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010, é de 40.816 habitantes, dos quais 36.765 são moradores das áreas urbanas e 4.051 da zona rural, estes últimos correspondendo a 9,93% da população total daquela municipalidade. Nanuque é considerada uma “cidade rural”, categoria analítica criada recentemente para se referir àqueles espaços marcados pela natureza das relações sociais locais de interconhecimento, que exercem a função de organização, gestão e representação do

---

<sup>3</sup> Além de Nanuque, outros 26 municípios compõem o Vale do Mucuri, sendo eles: Águas Formosas, Ataleia, Berópolis, Campanário, Carlos Chagas, Catuji, Crisólita, Franciscópolis, Frei Gaspar, Fronteira dos Vales, Itaipé, Itambacuri, Jampruca, Ladainha, Malacacheta, Maxacalis, Novo Oriente de Minas, Ouro Verde de Minas, Pavão, Pescador, Poté, Santa Helena de Minas, Serra dos Aimorés, Setubinha, Teófilo Otoni e Umburatiba (CERQUEIRA NETO, 20001, p. 19).

conjunto de sua área de influência e constituem um dos elos de integração do mundo rural com o sistema mais geral das cidades (WANDERLEY, 2007, p. 22).

Até meados da década de 1950, a cidade foi considerada uma das mais importantes do interior mineiro devido ao seu papel de destaque no desenvolvimento regional (Nordeste de Minas), atribuído pelo posicionamento geográfico privilegiado, pois a cidade tem como referência municípios limítrofes com o Estado da Bahia, do Espírito Santo e de Minas Gerais, o que por alguns anos favoreceu a logística de seu desenvolvimento, por meio da facilidade de distribuição, escoamento e comercialização dos produtos, que na época eram de origem agrossilvipastoril (hortifrutigranjeiros, pecuária e extração de madeira). Com o passar dos anos, a cidade perdeu o monopólio econômico da região em decorrência do desenvolvimento de outras cidades da mesorregião, tanto de municípios localizados no extremo Sul da Bahia quanto no Norte do Espírito Santo e até mesmo no próprio Estado de Minas Gerais.

Atualmente, embora o município tenha se reconfigurado a partir de novas demandas locais, permanecem como principais atividades econômicas a produção agrícola de hortaliças, mamão, cana, mandioca, café, milho, feijão e a extração e comercialização de madeira. Os principais postos de trabalho hoje estão relacionados, principalmente, à agroindústria e ao comércio local (organizações cooperativistas, feiras, lojas, supermercados, mercearias e lanchonetes). Em relação à educação, o município atualmente conta com centros de ensino técnico e superior com cursos voltados, principalmente, para as áreas tecnológica e administrativa. Com o recente aprimoramento do setor sucroalcooleiro (industrial) na cidade, este vem demandando novos profissionais ligados aos setores específicos de sua produção, o que justifica os centros de ensino na área tecnológica e o aparecimento de empregos que exigem capacitações ligadas aos domínios da informática. Cria-se, assim, uma gama de novas possibilidades de inserção juvenil no mercado de trabalho, aumentando o anseio dos jovens ao domínio adequado das ferramentas tecnológicas e incentivando-os na busca de familiarização específica com os códigos tecnológicos. Nesse sentido, a escolha pelos jovens rurais do município como objeto da pesquisa é devida às transformações socioeconômicas mais recentes da região com o aprimoramento da indústria e do desenvolvimento de setores tecnológicos (educação e trabalho) e, principalmente, às características culturais ligadas aos modos de vida juvenil. A bibliografia consultada

ressalta que, no universo das TICs, o segmento jovem é aquele que incorpora mais fácil e rapidamente as novas tecnologias quando têm acesso a elas, simplesmente porque estão acionando todos os elementos de seu universo de socialização, em que tudo que é novo está no mundo para ser apreendido ou apropriado, levando-nos a crer na possibilidade de usos diferenciados da Internet a partir de estilos de vida juvenis entre rurais e urbanos.

Como está se tratando, assim, de “jovens rurais”, é necessária nesse momento a caracterização do termo “juventude rural” no atual contexto socioeconômico e cultural do país. Carneiro (2005) afirmou que a primeira dificuldade reside na forma de se estabelecer o que é rural diante das novas possibilidades de interação campo-cidade que se apresentam nas sociedades contemporâneas. Em sua abordagem, essa autora fez um estudo sobre “juventude e novas mentalidades no cenário rural”, evidenciando que o aumento da comunicação campo-cidade, em primeiro plano, coloca como desafio entender os valores e novos anseios da juventude rural diante não apenas da atração que a cidade e seus bens materiais e imateriais exercem sobre ela, como também na direção oposta, perante a revalorização do meio rural por diferentes segmentos da população urbana. Assim, parte-se da premissa de que esse contexto tem provocado mudanças nos projetos juvenis e na maneira como os jovens percebem a si próprios e os outros. Para a referida autora, geralmente as pesquisas se referem ao jovem rural apenas na condição de membro da equipe do trabalho familiar, seja como aprendiz de agricultor nos processos de socialização e de divisão social do trabalho no interior da unidade familiar, seja como trabalhador fora do estabelecimento familiar. Com isso, complementa-se a renda da família com seus salários precários, sem levar em consideração os assuntos que mais interessam aos próprios jovens rurais: educação, trabalho, cultura, lazer e acesso a tecnologias.

Dentro desse debate, Freire et al. (2007), em estudo intitulado “Juventude na Amazônia Paraense: identidade e cotidiano de jovens assentados da reforma agrária”, entendem que constituir a juventude do campo como objeto de estudo implica uma mirada sobre uma realidade multifacetada e multidimensional, num cenário de clivagens econômicas, políticas sociais e culturais (FREIRE, 2007, p. 218). Esses autores afirmaram que:

A heterogeneidade da vida cotidiana e dos projetos de vida dos jovens no Brasil de hoje impede que a juventude seja pensada como categoria unívoca,



particularmente no caso da juventude do campo, considerando-se o contexto da agricultura familiar e dos processos econômicos que transformam o rural num espaço cada vez mais heterogêneo, diversificado e não exclusivamente agrícola (FREIRE, 2007, p. 235).

Para Weisheimer (2005), essa heterogeneidade é evidenciada por uma série de formas diferentes para denominar o que seriam os “jovens do meio rural”, o que reflete a diversidade de identidades juvenis, como: alunos rurais, jovens, jovens agricultores, jovens do campo, jovens do interior, jovens do sertão, jovens empreendedores rurais, jovens empresários rurais, jovens filhos de agricultores, jovens rurais ribeirinhos, jovens sem-terra, juventude em assentamento rural, juventude escolar rural e juventude rural.

Percebe-se, assim, que o ponto em comum da bibliografia recente sobre juventude rural é compreender e explicar as “juventudes” através da formulação de conceitos que abarquem a grande diversidade de contextos em que estão inseridas. Assim, neste trabalho estamos considerando “jovens rurais” aqueles que possuem residência no campo. O Município de Nanuque foi escolhido pelo fato de ser periférico e incorporar rapidamente inovações técnicas e tecnológicas na medida das possibilidades socioeconômicas locais.

Nossa amostra é constituída de jovens rurais de bairros periféricos do município, onde as condições de moradia e infraestrutura se encontram precárias, com problemas de saneamento, acesso (rodovias e estradas) e, em alguns lugares mais afastados, problemas com a distribuição de energia. Um olhar mais atento revela que os usuários costumeiros das redes não seriam os jovens residentes nesses bairros, pois, como dito anteriormente, o acesso às TICs nessa região se encontra longe de uma distribuição igualitária, em que os jovens mais carentes ainda expressam enorme desejo de operar um computador.

## **5. METODOLOGIA DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS**

Participaram deste estudo jovens rurais de ambos os sexos, com idades entre 18 e 29 anos, de origem e residência rurais. O grupo analisado corresponde a um total de 30 jovens. Todos os entrevistados eram usuários da Internet, tendo frequência regular em seu uso. Os procedimentos para a coleta e análise dos dados compreenderam a

revisão bibliográfica e as entrevistas semiestruturadas, realizadas de forma individual. Os questionários aplicados foram divididos em blocos (identificação/acesso/ usos e funções da Internet), sendo composto por 10 questões fechadas e 18 questões abertas. Estas últimas tiveram por objetivo investigar os usos específicos da Internet. O procedimento analítico dos dados constou do tratamento estatístico e quantitativo das questões fechadas, permitindo a visualização dos resultados em gráficos e tabelas e também do tratamento qualitativo com a interpretação das questões abertas.

## 6. RESULTADOS

Iniciou-se a pesquisa perguntando aos jovens quais usos atribuíam à Internet, e nas respostas foram identificados três grupos distintos, divididos em torno de eixos principais (Tabela 1), que foram estruturados a partir do conhecimento das ferramentas oferecidas pela tecnologia e usos pelo público entrevistado. Na Tabela 1, encontram-se os resultados.

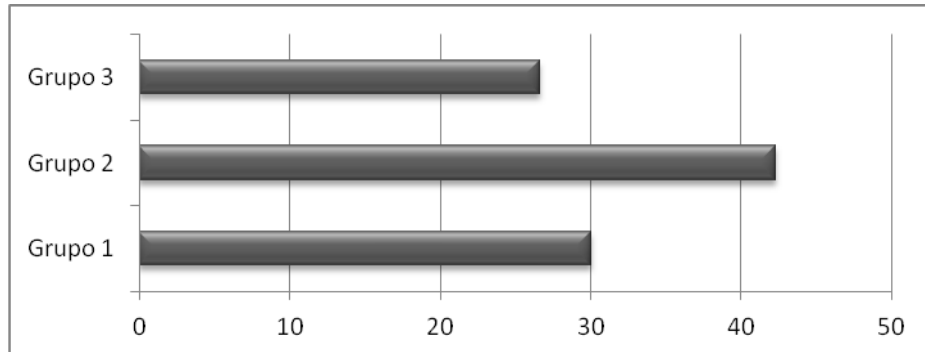
Tabela 1 - Usos e funções da Internet – Grupos e eixos principais

<b>Grupos</b>	<b>Conhecimento das ferramentas e frequência do uso</b>	<b>Funções utilizadas</b>
Grupo 1	“Conheço pouco, uso pouco”	Diversão
		Comunicação
		Compras
		Atualidades Jornais e noticiários
Grupo 2	“Só conheço as que utilizo”	Diversão
		Comunicação
		Atualidades Jornais e noticiários
Grupo 3	“Conheço todas ou quase todas, mas não uso todas”	Diversão
		Comunicação
		Trabalho e educação

Fonte: Elaborado pelos autores com dados da pesquisa, 2012.

O Gráfico 1 mostra o percentual total de jovens entrevistados (30) divididos nos três grupos.

Gráfico 1 - Percentual de jovens entrevistados por grupo



Fonte: Elaborado pelos autores com dados da pesquisa, 2012.

O Grupo 1 correspondeu a 30,01% do total de jovens entrevistados, composto por jovens que declararam possuir pouco ou quase nenhum conhecimento sobre a Internet e suas ferramentas, embora demonstrassem grande motivação no seu uso, dada a relevância atribuída à Internet pelos próprios jovens deste grupo em seus discursos.

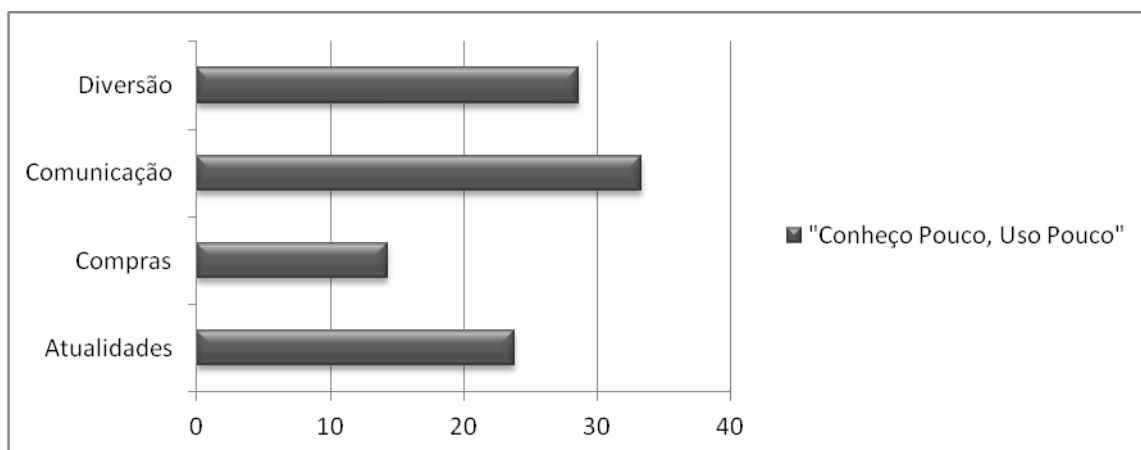
As respostas do Grupo 1 foram ancoradas em torno dos eixos diversão, atualidades, comunicação e compras. Para este grupo, o uso da Internet foi valorizado enquanto sinônimo de novidade, tanto no sentido de se manter atualizado através de jornais e noticiários quanto no sentido de estar atualizado no mundo do consumo (Gráfico 2).

Esses jovens associam a Internet principalmente a jogos, músicas, culinária, moda, *sites* de lojas, notícias sobre esportes, vida dos artistas, novelas e noticiários em geral. Para eles, a Internet teria uma interface com a “contemporaneidade”. Nesse sentido, os *sites* mais visitados por esses jovens são os de emissoras de TV, lojas de eletroeletrônicos e eletrodomésticos, *download* de jogos e músicas em geral; 53% do total dos jovens desse grupo fazem uso da rede com essas finalidades específicas. Para eles, 70% do tempo gasto com a Internet referia-se aos eixos compras e diversão, e o tempo de uso da Internet correspondeu a uma frequência média de uma a três vezes por semana, totalizando de uma a duas horas de uso do computador.

Pelo fato de esses jovens terem baixo conhecimento sobre as ferramentas da Internet, foi destacado que, na maioria das vezes, eles tinham necessidade de um suporte ou auxílio para uso, sendo a ajuda feita, na maioria dos casos, por algum tipo de amigo ou parente.

Nesse grupo, 66,67% dos jovens enfatizaram que os meios de comunicação exerciam influência em suas vidas, particularmente no aprendizado: “na Internet, você aprende muitas coisas e de todos os tipos”; “eu posso melhorar a minha sabedoria e afinidade com o computador para o mercado de trabalho” (Jovem Rural – 18 anos de idade). Outro dado relevante é que 36% do total do grupo analisado era do sexo feminino.

Gráfico 2 - Funções da Internet – Grupo 1



Fonte: Elaborado pelos autores com dados da pesquisa, 2012.

“(...) pelo que eu sei a Internet ajuda e facilita o dia a dia de todos” (Jovem Rural – 18 anos de idade).

O Grupo 2 correspondeu a 42,33% dos entrevistados, sendo composto por jovens que declararam ter conhecimento de algumas das ferramentas da Internet. Os discursos neste grupo foram ancorados em torno dos usos para diversão, comunicação, jornais e noticiários em geral (Gráfico 3).

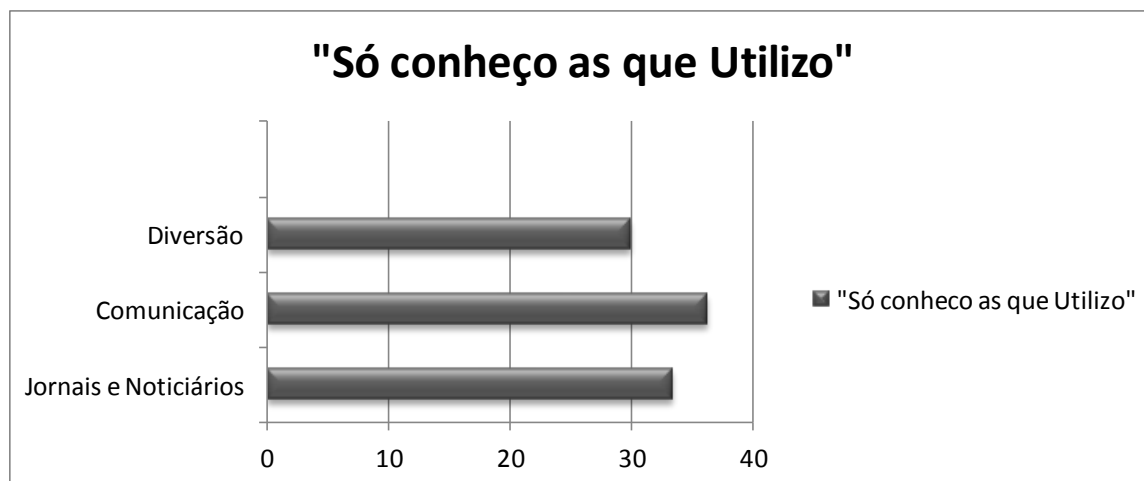
Em relação à diversão, os entrevistados atribuíram à Internet o papel de agente de promoção do lazer por meio de jogos disponibilizados e acessados na própria rede, o que correspondeu a um total de 30,01% dos jovens relacionados neste grupo. Para eles, o interesse nas buscas da Internet está focalizado nos novos *sites* de *downloads* e

aplicativos de jogos ou novas versões de programas para uso tipicamente de divertimento.

Quando questionados sobre a Internet como veículo de comunicação, 36,66% dos jovens afirmaram utilizar a rede para manter contatos virtuais e estabelecer novas amizades. As identificações para este grupo foram ancoradas na relação da Internet com as redes sociais e os *sites* de relacionamento. Para esses jovens, a Internet é uma tecnologia que promove, principalmente, o encurtamento da distância entre as pessoas, sendo essa a sua mais expressiva finalidade. Alguns desses jovens, porém, demonstraram certa preocupação com esse tipo de uso, o que pode ser verificado em respostas como “a Internet influencia mal na minha vida, mal por que a pessoa pode viciar e prejudicar o aprendizado” (Jovem Rural – 18 anos).

Já com relação à informação as respostas destacaram os jornais e noticiários em geral, com o objetivo de atualização sobre fatos do mundo cotidiano. Nesse grupo, os jovens declararam que a maior parte das informações que obtinham era retirada da Internet, sendo a rede virtual a principal fonte de apropriação de conhecimento em geral. Os principais *sites* visitados por esses jovens são de redes de emissoras de TV, como a rede Record e a rede Globo, e, para eles, estarem conectados à Internet significa “ficar por dentro das coisas”. Também, verificou-se que nesse grupo a maior parte do tempo gasto na Internet (40%) era dedicada a *sites* relacionados à comunicação e aos noticiários, variando a frequência de uso entre duas e três vezes por semana, em uma média de duas a três horas de uso. Observou-se uma proporção igualitária em termos de gênero.

Gráfico 3 - Funções da Internet - Grupo 2



Fonte: Elaborado pelos autores com dados da pesquisa, 2012.

“(...) eu uso a Internet para tentar influenciar um pouco de aprendizagem, interagir, ficar por dentro das notícias e atualizado” (Jovem Rural – 22 anos).

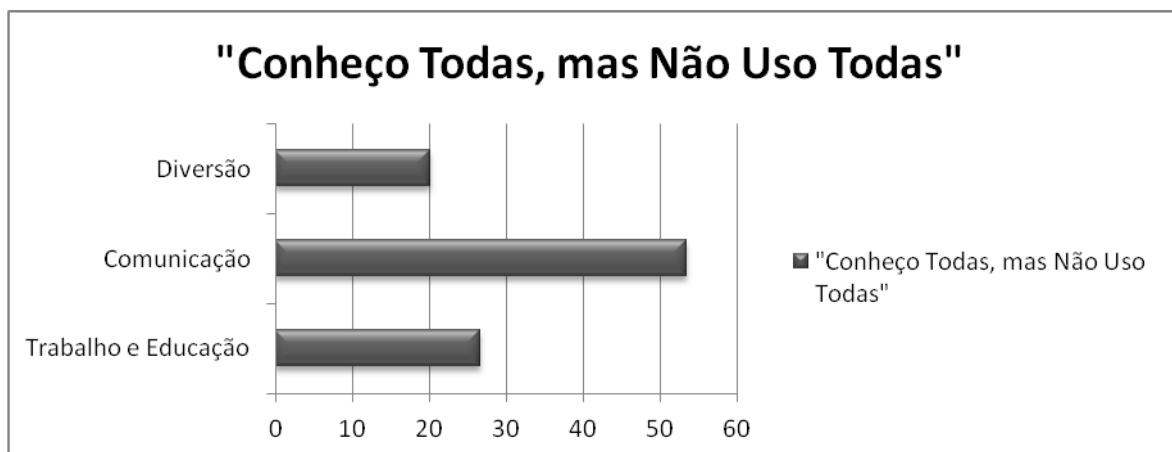
O Grupo 3 corresponde a 26,66% do total de entrevistados e foi composto por jovens rurais que declararam conhecer todas, ou quase todas, as ferramentas da Internet, mas que não faziam uso de todas elas. Para esse grupo, os usos centrais foram diversão, comunicação e educação (Gráfico 4).

Para esses jovens, diversão e comunicação foram ancoradas nas mesmas identificações dos jovens pertencentes aos Grupos 1 e 2 (jogos, músicas, notícias e *sites* de relacionamentos). Em relação à diversão, 20,01% dos jovens declararam utilizar a Internet com a finalidade principal de estabelecer redes de jogos. Com relação ao eixo de comunicação, 53,33% dos jovens declararam utilizar a Internet enquanto ferramenta exclusiva de comunicação e para o estabelecimento das redes sociais.

Um aspecto relevante desse grupo é o uso dessa tecnologia com finalidades educativas e para o campo do trabalho. Do total de jovens entrevistados, 26,66% declararam utilizar a Internet buscando, principalmente, *sites* relacionados à capacitação profissional, atividades profissionalizantes e *sites* do governo em geral, como do ministério público e do desenvolvimento agrário. Nesse sentido, as respostas foram relacionadas, sobretudo, a assuntos relativos a empregos, serviços bancários e instituições públicas. Para esses jovens, “a Internet vai dar mais experiência no mercado de trabalho” ou “com os meios de comunicação eu vou adentrando informações em que eu posso concretizar o meu pensamento e os meus projetos de vida”.

Nesse grupo, os jovens declararam que faziam uso diário da Internet, em média, de três horas, sendo 30% do tempo gasto com a finalidade de diversão e 65% para uso das redes sociais virtuais. Embora 26,66% do grupo declarasse usar a Internet para atividades relacionadas a trabalho e educação, a frequência de uso em função desse objetivo era baixa, cerca de 5% do tempo total, o que geralmente acontece uma vez por semana, quinzenalmente ou, até mesmo, uma vez por mês, pois: “os assuntos de trabalho a gente nem precisa ficar olhando sempre, às vezes eu olho, às vezes fico uma semana sem ver nada, um mês..., eu olho mais é quando precisa”. Nesse grupo, 70% dos jovens entrevistados eram do sexo masculino.

Gráfico 4 - Funções da Internet - Grupo 3

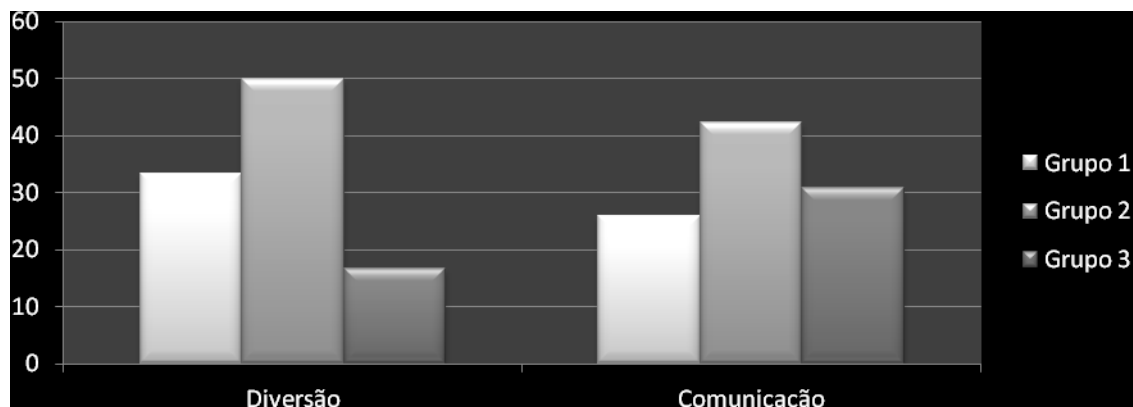


Fonte: Elaborado pelos autores com dados da pesquisa, 2012.

“(...) o uso de seu conteúdo (Internet) é de grande influência na aprendizagem” (Jovem Rural - 21 anos).

No Gráfico 5 foi feita a comparação entre os Grupos 1, 2 e 3 em relação aos eixos diversão e comunicação, que possuíram significados em comum. Pôde-se perceber que, independentemente do conhecimento que se tem dessa tecnologia, essas funções são as mais utilizadas, o que se evidencia não apenas no conhecimento e domínio tecnológico, mas também no próprio tempo gasto com os usos da Internet.

Gráfico 5 - Funções da Internet - Grupos 1, 2 e 3



Fonte: Elaborado pelos autores com dados da pesquisa, 2012.

## 7. CONCLUSÕES

A partir desta pesquisa, percebeu-se que os modos de usos e as apropriações dos jovens sobre a tecnologia variam em função do nível de conhecimento e domínio que esses jovens têm em relação às ferramentas da Internet. Nesse caso, o uso das redes virtuais pelos jovens se ancora em fatores que são determinados pelos valores e significados que eles atribuem à rede.

No caso estudado, os eixos diversão e comunicação foram os mais valorizados pelos três grupos. Os modos de uso indicam que os jovens não navegam ao acaso e, possivelmente por utilizarem por tempo reduzido ou controlado a Internet, a maioria visita os *sites* já conhecidos, enquanto a minoria navega em *sites* aleatórios, o que revela uso ainda limitado de todas as possibilidades oferecidas pela rede. Essa irregularidade pode ser explicada pelo fato de os jovens entrevistados terem acesso à Internet, principalmente, através de *Lan houses* e pela dificuldade de acesso à rede no meio rural. A frequência média de uso dos entrevistados é de uma a três horas por semana (dependendo do grupo analisado). Comparando a frequência de uso da Internet pelos jovens urbanos citados na literatura com os do meio rural, verificou-se que, no caso estudado, o acesso à rede ainda é muito baixo, uma vez que a juventude urbana se conecta às redes diariamente.



Mesmo possuindo pouco conhecimento sobre a tecnologia ou, até mesmo, precisando de algum tipo de auxílio ou suporte para uso da Internet (como visto no Grupo 1), os jovens entrevistados não se sentiam excluídos. Conforme salientado no decorrer deste estudo, na sociedade da informação o acesso a esse meio é apenas um dos fatores necessários à participação. Nessa perspectiva, o letramento – entendido não apenas como a capacidade de decodificar os códigos da língua, mas também de fazer uso das ferramentas tecnológicas – é fator essencial para que os atores estejam de fato integrados nesta nova era.

A pesquisa demonstrou similaridade nos usos da Internet entre jovens rurais e urbanos em relação a usos de caráter comunicacional e de divertimento, fatores que se apresentaram nas respostas de todos os jovens entrevistados. Como visto, as redes sociais são um dos principais atributos da Internet para os jovens estudados, seguidas das funções de lazer e diversão. Percebeu-se, assim, semelhança intergeracional em seu uso tanto pelos jovens rurais quanto pelos jovens urbanos, corroborando os estudos de Morduchowicz (2012) e Maigret (2010), citados na introdução deste trabalho.

Concluiu-se, em um sentido mais amplo, que os esforços governamentais e não governamentais em projetos de inclusão digital, o interesse pelo tema e a familiaridade dos jovens com as TICs revelam que tais estudos são mecanismos efetivos e podem melhorar a qualidade de vida, a educação e o desenvolvimento local através da democratização e do acesso à tecnologia e ao letramento, que podem gerar benefícios concretos para que ocorram, de fato, a autonomia e domínio tecnológico das sociedades rurais e, em especial, a do jovem rural. Nesse caso, ressalta-se que ainda faltam agentes que possam intermediar a resolução de problemas relacionados às demandas do mundo rural, principalmente no que diz respeito ao letramento, ficando o jovem rural como segmento social sensível e dependente de ações e práticas políticas que possam incluí-lo neste novo universo tecnológico, em que as deficiências de letramento digital e o acesso limitado à rede possam ser considerados como sinônimos de exclusão. Um olhar mais apurado evidencia que os modos de uso da Internet já estão bastante integrados ao cotidiano dos jovens, mesmo considerando aqueles mais carentes e com dificuldades no acesso às TICs. Isso porque se constatou nesta pesquisa que a inserção dos jovens em políticas públicas de inclusão digital ainda é limitada, com o acesso à rede mundial de computadores se apresentando com inúmeras desigualdades. Assim, se a diferença não

está nos usos que se fazem da Internet, uma vez que esta é um elemento de identificação entre os jovens, verifica-se atualmente, no entanto, que o acesso às novas tecnologias é desigual e essa desigualdade pode comprometer o ingresso de jovens rurais a postos de trabalho mais exigentes e que demandam outras formas de capacitação digital que não somente a Internet.

## 8. REFERÊNCIAS

BURCH, Sally; OSVALDO, León; TOMAYO, Eduardo. **Se cayó el sistema**: enredos de la Sociedad de la Información. Agência Latinoamericana de Información. Quito: Editora Alai, noviembre, 2003.

CASTELLS, Manuel; CARDOSO, Gustavo. A sociedade em rede – Do conhecimento à ação política. In: ——. **Imprensa nacional**. Brasília: Casa da Moeda, 2006.

CARNEIRO, M. J. Juventude rural: projetos e valores. In: ——. **Retratos da juventude brasileira** São Paulo: Instituto Cidadania/Fundação Perseu Abramo, 2005.

CARNEIRO, M. J. **Ruralidades contemporâneas**: modos de viver e pensar o rural na sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2012.

CERQUEIRA NETO, Sebastião Pinheiro Gonçalves. Contribuições para o estudo geográfico para do Município de Nanuque-MG. In: ——. **Dissertação de mestrado apresentada à UFU**. Uberlândia, MG: UFU, 2001.

FREIRE, S. F.; CASTRO, E. Juventude na Amazônia paraense: identidade e cotidiano de jovens assentados da reforma agrária. In: ——. **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

FREITAS, M. T. de Assunção. Letramento digital e formação de professores. In: ——. **Educação e comunicação**. Juiz de Fora, MG: UFJF, 2005.

GIL, Ángeles Rubio. Generación digital: patrones de consumo de Internet, cultura juvenil y cambio social. **Revista de Estudios de juventud**, n. 88, p. 201-221, mar. 2010.

MAIGRET, Éric. **Sociologia da comunicação e das mídias**. São Paulo: Editora Senac, 2010.

MORDUCHOWICZ, Roxana. **Los adolescentes y las redes sociales: la construcción de la identidad juvenil em Internet**. 1. ed. Bueno Aires: Fondo de Cultura Económica, 2012.

SANTOS, Salett Tauk et al. Inclusão digital, inclusão social? A recepção das propostas de inclusão digital pelos jovens de escolas públicas de Recife. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 15., 2006, Bauru. **Anais...** Bauru, SP: Unesp, jun. 2006.

TEIXEIRA, C. P. P.; SANTOS, M. S. Tauk. Inclusão digital para o desenvolvimento local: códigos tecnológicos ampliam debate e participação de professores e alunos na comunidade. **Conexão – Comunicação e Cultura**, Caxias do Sul, UCS, v. 9, n. 18, jul./dez. 2010.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco: que sonhos para o futuro. In: ——. **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

WARSCHAUER, Mark. **Tecnologia e inclusão social: a exclusão digital em debate**. São Paulo: Editora Senac, 2006.

WEISHEIMER, N. **Juventudes rurais: mapas de estudos recentes**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2005.